

Entendendo a Pegada da VBR nos Estudos em Negócios Internacionais: os Últimos Vinte Anos de Pesquisa

Manuel Aníbal Silva Portugal Vasconcelos Ferreira[†]

*Universidade Nove de Julho
Instituto Politécnico de Leiria*

Nuno Rosa Reis^Ω

Instituto Politécnico de Leiria

Fernando A. Ribeiro Serra[‡]

Universidade Nove de Julho

Benny Kramer Costa[¥]

Universidade Nove de Julho

RESUMO

A pesquisa em Negócios Internacionais (IB – *International Business*) evoluiu substancialmente ao longo das últimas quatro décadas, incorporando novas questões e contribuições teóricas. Durante as últimas duas décadas, a Visão Baseada em Recursos (RBV – *Resource-Based View*) conquistou a preferência de vários pesquisadores em negócios internacionais e se tornou gradualmente uma das perspectivas teóricas dominantes para estudar decisões e operações de IB. O artigo de 1991 “*Firm resources and sustained competitive advantage*” (“*Recursos internos e vantagem competitiva sustentada*” de Jay Barney é reconhecido como uma contribuição fundamental para a Visão Baseada em Recursos (RBV). Neste artigo avaliamos a influência da RBV, guiados pelo artigo de Jay Barney (1991), sobre pesquisa em negócios internacionais ao longo de um período de vinte anos, de 1991 a 2010. Neste estudo bibliométrico dos artigos publicados no periódico líder para a pesquisa em negócios internacionais – o *Journal of International Business Studies* (JIBS) – conduzimos análises de citações e de cocitações, das redes de coautoria e aprofundamos a análise dos tópicos-chave de pesquisa. Além de entender a pesquisa existente, também contribuimos para identificar perspectivas para pesquisa futura.

Palavras-chave: VBR. Revisão da literatura. Estudo bibliométrico. Pesquisa em negócios internacionais. Perspectivas de pesquisa.

Recebido em 29/06/2012; revisado em 30/01/2013; aceito em 11/06/2013; divulgado em 29/08/2014

*Autor para correspondência:

[†] Doutor pela David Eccles School of Business da Universidade de Utah, EUA
Vínculo: Professor titular da Universidade Nove de Julho e Instituto Politécnico de Leiria
Endereço: Av. Francisco Matarazzo, São Paulo – SP - Brasil
E-mail: manuel.portugal.ferreira@gmail.com
Telefone: (11) 960224462

^Ω Doutorando na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal
Vínculo: Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Endereço: Morro do Lena Leiria, Portugal.
E-mail: nuno.m.reis@ipleiria.pt

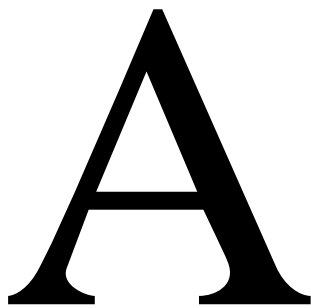
[¥] Doutor em Engenharia pelo DCMM da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio
Vínculo: Professor Titular da Universidade Nove de Julho
Endereço: Av. Francisco Matarazzo, São Paulo – SP - Brasil
E-mail: fernandoars@uninove.br
Telefone: (21) 98230-0781

[‡] Doutor em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo
Vínculo: Professor Titular da Universidade Nove de Julho
Endereço: Av. Francisco Matarazzo, São Paulo – SP - Brasil
E-mail: bennycosta@yahoo.com.br
Telefone: (11) 991585040

Nota do Editor: Esse artigo foi aceito por Emerson Mainardes.



1 INTRODUÇÃO



pesquisa em negócios internacionais (IB) recebeu múltiplas influências de outras áreas de conhecimento que vão da sociologia (SINKOVICS; PENZ, 2009) à economia (BEAUDRY; DUPAIGNE; PORTIER, 2011), empreendedorismo (JONES; COVIELLO; TANG, 2011) e gestão estratégica (LU, 2003; DOH, 2005; VAPOLA; PAUKKU; GABRIELSSON, 2010; BRANNEN; DOZ, 2010), dentre outras. À medida em que a disciplina evolui na direção de tomar a empresa multinacional como uma das principais unidades de análise, também aumentou a importância de conceitos de gestão estratégica para os pesquisadores em negócios internacionais. Usando *insights* teóricos baseados na pesquisa de gestão estratégica, pesquisadores de negócios internacionais tentam compreender como as empresas multinacionais obtêm uma vantagem competitiva examinando questões como a seleção dos modos de entrada e dos mercados estrangeiros, se internalizar ou terceirizar a fabricação ou outras atividades, se internacionalizar gradualmente ou iniciar imediatamente com uma mentalidade global e planejar operações em todo o mundo, entre outros. Uma das abordagens propostas na pesquisa em gestão estratégica que obteve ampla aceitação por pesquisadores de negócios internacionais é a Visão Baseada em Recursos (VBR).

A VBR e suas variantes, como a visão baseada em conhecimento ou as perspectivas baseadas em capacidades, foram utilizadas para investigar tópicos em negócios internacionais (PENG, 2001; PITELIS, 2004). Especificamente, ao longo das duas últimas décadas, a pesquisa em negócios internacionais absorver da gestão estratégica a missão de entender como as empresas e as empresas multinacionais obtêm uma vantagem competitiva e têm desempenho superior aos concorrentes. Na pesquisa em negócios internacionais uma resposta completa pode acarretar o escrutínio de um conjunto de desafios que as multinacionais encontram ao internacionalizar as suas operações para países estrangeiros (BUCKLEY; PASS; PRESCOTT, 1992; MCDUGALL; SHANE; OVIATT, 1994; BUCKLEY; CHAPMAN, 1996; CHANDRA; NEWBURRY, 1997; LEONIDOU; KATSIKEAS; COUDOUNARIS, 2010). A pesquisa tem, assim, focado decisões como os modos de entrada em mercados estrangeiros, a seleção dos países, se expandir para o exterior a fabricação ou, ao invés, se terceirizar para uma empresa local, dentre muitos outros conjuntos de decisões.

A VBR foi utilizada pelos pesquisadores em negócios internacionais para avaliar as diferenças entre empresas e melhor entender como as empresas realmente competem e

rapidamente obteve o status de uma abordagem teórica central (RAMOS-RODRIGUEZ; RUIZ-NAVARRO, 2004). É possível identificar as origens da VBR aos trabalhos seminais de Penrose (1959), Wernerfelt (1984) e Dierickx e Cool (1989). Porém, a VBR ganhou a atenção dos acadêmicos a partir dos anos 90, e especificamente após o artigo crucial de Jay Barney (1991) “*Firm resources and sustained competitive advantage*”, onde Barney antecipa os atributos indispensáveis (o acrônimo VRIN que significa valioso, raro, inimitável e insubstituível) que os recursos da empresa devem ter para criar uma vantagem competitiva sobre a concorrência. O artigo de Barney (1991) teve um impacto profundo na discussão em torno da VBR, reconhecida por defensores e antagonistas da VBR. Após o artigo de Barney, a VBR evoluiu para se tornar uma das abordagens teóricas mais utilizadas em várias áreas de pesquisa em Administração, incluindo negócios internacionais (PENG, 2001; NEWBERT, 2007; KRAAIJENBRINK; SPENDER; GROEN, 2010; ROUSE; DAELLENBACH, 2010). A proposição principal da VBR também foi compartilhada por correntes de pensamento relacionadas, tais como as competências centrais (HAMEL; PRAHALAD, 1994), capacidades dinâmicas (NELSON; WINTER, 1982; TEECE; PISANO; SHUEN, 1997; HELFAT; PETERAF, 2003) e a visão baseada em conhecimento (KOGUT; ZANDER, 1992; GRANT, 1996). De fato, a VBR veio complementar a visão da organização industrial (IO) (BAIN, 1968; PORTER, 1979, 1980) mudando o foco do desempenho da empresa do paradigma de estrutura-conduta-desempenho e da ênfase na estrutura da indústria, para começar a olhar para o interior da empresa na busca pelas fontes internas de vantagem sobre a concorrência para explicar porque empresas na mesma indústria poderiam ter diferentes níveis de desempenho (MAHONEY; PANDIAN, 1992; BARNEY, 2002; PETERAF; BARNEY, 2003). Neste artigo revemos até que ponto a VBR – para o que utilizamos o artigo de Barney (1991) – foi incluída na pesquisa em negócios internacionais, os autores e temas de pesquisa examinados. Conduzimos um estudo bibliométrico no periódico de maior status para publicar pesquisa em negócios internacionais (PHENE; GUISSINGER, 1998) – o *Journal of International Business Studies* (JIBS) – para observar tendências, identificar impacto e conexões que ligam autores, teorias e questões abordadas na pesquisa existente e detectar possíveis lacunas. O nosso estudo bibliométrico inclui todos os artigos publicados no JIBS de 1991 a 2010 e engloba três procedimentos: análises de citações e de cocitações, redes de autoria e temas de pesquisa.

Este artigo é organizado em quatro seções principais. Primeiro, analisamos a abordagem VBR e o trabalho de Jay Barney sobre a VBR. Em segundo, apresentamos a metodologia

usada e explicamos os procedimentos e a amostra. A terceira seção consiste dos resultados das análises. Concluímos com uma ampla discussão, limitações e futuras direções para a pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A abordagem da VBR foca nos recursos e capacidades das empresas para explicar a sua vantagem competitiva. Diferentemente de perspectivas anteriores que explicavam a vantagem competitiva com base na posição das empresas numa indústria (PORTER, 1980), ou com base na minimização dos custos de transação (WILLIAMSON, 1975), a VBR olha para o interior das empresas para determinar as fontes de vantagem competitiva (BARNEY, 1991). Desta forma, a VBR emerge como uma perspectiva complementar à visão de IO e às perspectivas baseadas nos custos de transação para superar as limitações de apenas se observar quer a estrutura da indústria quer as transações entre empresas, colocando uma forte ênfase nos recursos idiossincráticos e heterogêneos das empresas. Os pesquisadores usam a VBR para entender a heterogeneidade dos recursos e como os recursos das empresas afetam a forma como as empresas competem. A ênfase da VBR nas características dos recursos das empresas, e em como as empresas adquirem e organizam internamente seus recursos, se tornou um ponto central em muita da pesquisa seguinte.

A VBR tem suas origens nos anos 80 com múltiplas contribuições de acadêmicos como Penrose (1959), Wernerfelt (1984), Rumelt (1984), Barney (1986; 1991), Dierickx e Cool (1989), Peteraf (1993), Kogut e Zander (1992, 1993), Amit e Schoemaker (1993), Teece et al. (1997), Helfat e Lieberman (2002), dentre outros. Desde então, a VBR tem sido aplicada a uma ampla variedade de fenômenos e utilizada em várias disciplinas, incluindo gestão estratégica (OLIVER, 1997), empreendedorismo (JONES; COVIELLO; TANG, 2011) e negócios internacionais (PENG, 2001). Uma análise extensa está para além do escopo deste artigo, já que é conhecimento comumente detido, mas apresentamos brevemente uma perspectiva geral da VBR e de como tem sido utilizada na pesquisa em negócios internacionais. Uma análise detalhada pode ser encontrada em vários estudos como Peng (2001), Lockett, Thompson e Morgenstern (2009) e Newbert (2007). A VBR foca a utilização e a junção dos recursos das empresas para maximizar o valor da empresa (DAS; TENG, 2000). A premissa que respalda a VBR é que as empresas são agrupamentos de recursos idiossincráticos e, assim, obtêm diferentes resultados, mesmo ao operar na mesma indústria (SHARMA; ERRAMILI, 2004). Por outro lado, alguns recursos são não transferíveis – seja devido ao fato de que são difíceis de copiar ou por serem escassos – impedindo que outras empresas rivais imitem o agrupamento de recursos. Em suma, a VBR explica a vantagem

sustentável sobre a concorrência de uma empresa com base no conjunto heterogêneo de recursos que não podem ser, pelo menos facilmente, transferidos ou copiados por outras empresas.

O trabalho de Jay Barney no desenvolvimento da VBR é provavelmente incontestável. O seu artigo de 1991 '*Firm resources and sustained competitive advantage*' apresentou o acrônimo VRIN, representando os atributos valioso, raro, inimitável e insubstituível, para identificar os fatores-chave em como as empresas podem criar e manter uma vantagem competitiva sobre a concorrência. O construto VRIN, de Barney, desempenha um papel crucial em toda a lógica da VBR, ao estabelecer as condições para as empresas alcançarem uma vantagem competitiva. Assim, Barney (1991) integra conceitos tais como competências centrais (HAMEL; PRAHALAD, 1994), capacidades dinâmicas (TEECE; PISANO; SHUEN, 1997), competências (PRAHALAD; HAMEL, 1990), ativos estratégicos (AMIT; SCHOEMAKER, 1993), e outros, para explicar a vantagem competitiva das empresas baseadas nos recursos que a firma detém e na forma como os utiliza. A VBR foi utilizada por muitos pesquisadores em negócios internacionais para estudar diferentes assuntos. Por exemplo, para pesquisar as estratégias de crescimento e a própria existência de empresas multinacionais, as escolhas relativas às subsidiárias (BIRKINSHAW; HOOD, 1998), os modos de entrada escolhidos (SHARMA; ERRAMILI, 2004), a decisão de prospectar por novos recursos ou de explorar no exterior os recursos que já detém (FERREIRA, 2008), dentre outros. Outros pesquisadores focaram em como as empresas desenvolvem vantagens específicas baseadas no estoque de recursos que detém que lhes permite superarem as dificuldades de operar no exterior (BARTLETT; GHOSHAL, 1989; TALLMAN, 1991; KOSTOVA; ZAHEER, 1999). Ainda outros pesquisadores examinaram como as corporações multinacionais (MNCs) foram capazes de transferir internamente o conhecimento e usar as suas subsidiárias para aprender e desenvolver novas capacidades que podem ser exploradas em outros locais e outros negócios (BIRKINSHAW; HOOD, 1998; GUPTA; GOVINDARAJAN, 2000; FERREIRA, 2005). Todavia, a VBR ainda precisa responder a como a MNC (Corporação Multinacional) pode combinar as capacidades dispersas pelas subsidiárias numa competência corporativa única (FERREIRA, 2008).

A VBR também foi usada no estudo de modos de entrada em mercados estrangeiros (SHARMA; ERRAMILI, 2004). Tradicionalmente, a pesquisa em negócios internacionais enfatizou uma abordagem baseada nos custos de transação e no impacto dos custos de transação na escolha de modos de entrada, para selecionar o modo de entrada que

minimizasse esses custos (ANDERSON; GATIGNON, 1986; FERREIRA; SERRA, 2010). Os custos de transação que uma empresa enfrenta estão relacionados a falhas de mercado, como assimetrias de informações, especificidade de ativos, e a natureza tácita do conhecimento (WILLIAMSON, 1985). Assim, as empresas escolheriam a estratégia de entrada que lhes permitisse superar as falhas de mercado ao custo mais baixo. A pesquisa atual, todavia, coloca maior ênfase na explicação da escolha do modo de entrada com base em como os recursos e capacidades podem ser alavancados e ampliados no exterior (CHANG, 1995; KOGUT, 1997; VERMEULEN; BARKEMA, 2001). O foco, desta forma, tem estado em como as MNCs podem preferir um modo de entrada em vez de porque esse modo permite aumentar as suas capacidades (FERREIRA, 2005, 2008) e não simplesmente porque é o melhor modo de explorar capacidades já detidas.

Outra corrente na pesquisa em negócios internacionais lida com diferentes formas de parceria, desde alianças estratégicas internacionais e *joint-ventures* a redes de empresas. Utilizando a abordagem da VBR, os pesquisadores argumentam que as empresas fazem parcerias quando podem melhorar o desempenho aprendendo com o parceiro e nos países anfitriões (GULATI; LAVIE; SINGH, 2009). Uma preocupação é, por exemplo, considerar os recursos do potencial parceiro: a força motriz para escolher uma parceira pode estar nos recursos e capacidades da empresa estrangeira e não nas vantagens específicas já detidas (TALLMAN; FLADMOE-LINDQUIST, 2002; FERREIRA, 2005).

A VBR também tem sido usada no estudo da diversificação geográfica e de produto (TALLMAN; LI, 1996; GERINGER; TALLMAN; OLSEN, 2000), designadamente para países emergentes (MEYER, 2001; GELBUDA; MEYER; DELIOS, 2008) combinada à teoria institucional. A VBR foca em quais são os recursos e competências específicos de contexto que uma empresa deve deter e utilizar no exterior para alcançar vantagem competitiva sustentável (MEYER; PENG, 2005), incluindo a capacidade de lidar com os ambientes institucionais encontrados e os modos selecionados para a entrada no exterior (UHLENBRUCK; DE CASTRO, 2000; FERREIRA; LI; JANG, 2009). Por exemplo, a VBR postula que em países emergentes as instituições fracas podem ser ultrapassadas usando redes com fornecedores e clientes (MEYER et al., 2009). Por outro lado, deter capacidades específicas ao contexto, tais como flexibilidade organizacional pode levar à vantagem competitiva em países emergentes (MEYER et al., 2009). Esta perspectiva é, pelo menos em parte, contrária à teoria dos custos de transação que é focada principalmente nas

características dos recursos que uma empresa deve transferir para suas operações no exterior (HENNART, 1982).

3 MÉTODO

Neste artigo realizamos um estudo bibliométrico de todos os artigos publicados no periódico líder em negócios internacionais – o *Journal of International Business Studies* (JIBS) (PHENE; GUISENGER, 1998; DUBOIS; REEB, 2001). O estudo bibliométrico dos artigos publicados entre 1991 a 2010 nos permite avaliar até que ponto a VBR foi usada na pesquisa em negócios internacionais. Especificamente, usamos o artigo de Barney (1991) como referência para examinar a VBR. Adicionalmente, restringimos o estudo às análises de citações, cocitações, coautorias e temas pesquisados para dar sentido à pesquisa existente. Metodologicamente, para as análises de citações e cocitações, seguimos a abordagem sugerida por Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004), e para examinar os temas pesquisados, seguimos o procedimento de Furrer, Thomas e Goussevskaia (2008).

Estudos bibliométricos usam dados publicados – geralmente de fontes documentais tais como artigos, livros, dissertações, relatórios da empresa e outros documentos impressos – para descobrir relações entre autores, assuntos, teorias, referências entre outros (DIODATO, 1994). Só examinamos os artigos publicados em um periódico, principalmente porque os artigos publicados em periódicos acadêmicos já superaram o processo de revisão pelos pares e são considerados conhecimento certificado. Por outro lado, é provável que periódicos líderes também publiquem a pesquisa líder na área.

Estudos bibliométricos envolvem uma revisão da literatura e já foram realizados em várias outras disciplinas e com diferentes propósitos. Phelan, Ferreira e Salvador (2002) examinaram a autoria, o tamanho, tipos de artigos e o tempo decorrido entre a submissão e a publicação. Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) usaram o histórico de publicações no SMJ para detectar as conexões intelectuais na pesquisa em gestão estratégica. Ferreira (2011) avaliou a influência de um único acadêmico na disciplina usando métodos similares.

3.1 AMOSTRA

Para realizarmos o nosso estudo bibliométrico, coletamos os dados do website da *ISI Web of knowledge* (disponível em isiknowledge.com). Selecionamos o periódico – o JIBS – e buscamos dentre os 921 artigos publicados no JIBS de 1991 a 2010 os que citaram Barney (1991). Identificamos 77 artigos para análise adicional. Retiramos todas as informações relevantes para a análise, tais como autores, palavras-chave fornecidas pelos autores e a lista de referências. Os dados foram extraídos e organizados com o software *Bibexcel*. As

representações visuais das redes foram feitas com *Ucinet*. O ano inicial das análises foi 1991, porque foi nesse ano que Jay Barney publicou “*Firm resources and sustained competitive advantage*”. Eventualmente, devemos mencionar desde já que, certamente, há outros artigos sobre a VBR e, possivelmente, até com maior contribuição conceitual – poderíamos mencionar, por exemplo, os trabalhos de Penrose (1959), Peteraf (1993), Wernerfelt (1984) e até os trabalhos em variantes da VBR como as capacidades dinâmicas (por ex., TEECE; PISANO; SHUEN, 1997) ou a visão baseada em conhecimento (por ex., GRANT, 1996) – mas é razoável usar o artigo de Barney (1991) devido ao seu grande número de citações – é um dos trabalhos mais citados sobre a VBR e uma referência “compulsória” em qualquer artigo que realmente lide com a VBR.

O trabalho de Barney (1991) foi considerado como a “primeira formalização da então fragmentada literatura baseada em recursos numa abordagem teórica abrangente (e, assim, empiricamente testável)” (NEWBERT, 2007, pág. 123). Os argumentos de Barney fundamentados nos trabalhos de Penrose (1959), Rumelt (1984), Wernerfelt (1984), Dierickx e Cool (1989), dentre outros, para construir duas premissas que se tornaram centrais para a VBR: os recursos são distribuídos heterogeneamente entre firmas, e são imperfeitamente móveis. A saliência do trabalho de Barney (1991), como uma referência para a VBR, também foi usada pelo trabalho de Peng (2001) sobre a visão baseada em recursos na pesquisa em negócios internacionais. De fato, Peng escolheu duas peças seminais sobre a VBR – Barney (1991) e Wernerfelt (1984) – para identificar os artigos de negócios internacionais que usaram uma perspectiva VBR, observando citações a esses dois trabalhos seminais. Esses dois artigos foram selecionados devido à sua reconhecida influência (WERNERFELT, 1995; PRIEM; BUTLER, 2001).

Acedo, Barroso e Galan (2006) examinando, com o uso de técnicas bibliométricas, como a VBR se disseminou em Administração e as principais tendências, distinguiram três correntes de pesquisa dentro da teoria baseada em recursos: a VBR, a visão baseada em conhecimento e a visão relacional, e notou que Barney (1991) estava entre as principais referências para a VBR, juntamente com o trabalho de Wernerfelt (1984). Em Acedo et al. (2006) dados de citações foram usados como uma medida de relevância, de modo a que os trabalhos mais citados foram considerados como mais influentes. De fato, em Acedo et al. (2001) os pesquisadores utilizaram Barney (1991) como o marcador-chave para a VBR e só em Acedo, Barroso, Casillas e Galan (2001) estenderam a análise para incluir outros

periódicos e autores, especificamente Wernerfelt (1984), assim estendendo o período de sua análise de 1992 para 1984.

3.2 PROCEDIMENTOS REALIZADOS

O estudo bibliométrico envolveu três procedimentos diferentes e complementares usando os dados dos 77 artigos em nossa amostra: uma análise de citações e de cocitações, uma análise de coautoria para descobrir as redes de autores que citam Barney (1991), e uma análise das palavras-chave para escrutinar os temas abordados nos artigos da nossa amostra. Os procedimentos são explicados em seguida em maior detalhe.

Uma análise de citações assume que os autores citam o trabalho de outros acadêmicos que são relevantes para seu próprio trabalho, para legitimar o seu trabalho numa determinada disciplina ou tópico, ou como um sinal que posiciona um artigo numa determinada teoria ou corrente de pesquisa. Portanto, é razoável afirmar que os trabalhos mais citados são os mais importantes, ou influentes, na área de conhecimento (RAMOS-RODRIGUEZ; RUIZ-NAVARRO, 2004). Utilizando a lista de referências bibliográficas, conseguimos identificar a frequência com que um determinado trabalho é usado e contar citações. Todavia, simplesmente observar citações não permite identificar o contexto específico em que são feitas e, de fato, os pesquisadores podem citar outros trabalhos para embasar um argumento, para contrastar com uma perspectiva alternativa ou para criticar o trabalho.

Uma análise das cocitações utiliza a lista de referências para identificar similaridades e conexões entre artigos. Neste artigo avaliamos as similaridades analisando que trabalhos são citados conjuntamente em diferentes artigos (WHITE; MCCAIN, 1998; RAMOS-RODRIGUEZ; RUIZ-NAVARRO, 2004), e assumimos que dois trabalhos têm maior conexão quando são cocitados mais frequentemente. Realizamos uma análise de coautorias para analisar as redes de autores que citaram o artigo de Barney (1991). A coautoria oferece uma perspectiva da estrutura intelectual de autores que utilizam o artigo de Barney (1991).

O terceiro procedimento envolveu a identificação dos temas tratados nos artigos. Possivelmente, o procedimento mais comum para identificar do que um artigo trata envolva a sua leitura ou a realização de alguma forma de análise de conteúdo. Recorremos a um procedimento diferente que implicou a análise das palavras-chave fornecidas pelo autor de cada artigo que citou Barney (1991). Seguimos o procedimento apresentado por Furrer, Thomas e Goussevskaia (2008) e agrupamos as palavras-chave fornecidas pelos autores em temas principais. O agrupamento foi realizado por dois assistentes de pesquisa que decidiram juntamente como classificar cada palavra-chave em um dos 21 temas principais (ver o

apêndice). Fizemos alguns ajustes na listagem de Furrer et al. para acomodar a especificidade dos temas de pesquisa em negócios internacionais – incluímos os seguintes temas adicionais: ‘*Empresa multinacional e subsidiárias*’, ‘*Investimento direto estrangeiro*’ e ‘*Ambiente, geografia, clusters e regional*’. Esta análise utilizou as palavras-chave de 52 artigos (213 palavras-chave) porque o JIBS não incluiu as palavras-chave fornecidas pelos autores nos artigos publicados antes de 2003. É relevante notar que utilizar as palavras-chave fornecidas pelos autores é uma forma razoável, apesar de não ser perfeita, de avaliar o conteúdo dado que os autores selecionam as palavras-chave dos seus artigos com o propósito de identificar o conteúdo do artigo e para fins de indexação – assim, assumimos que as palavras-chave fornecidas pelo autor fornecem um reflexo razoável do conteúdo do artigo.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

Na Figura 1 descrevemos o mapa de citações das quarenta referências mais citadas nos 77 artigos selecionados por citar o artigo de Barney. No total, os 77 artigos utilizaram 4.355 referências. Um mapa de citações apresenta três fenômenos principais: as conexões ligando os diferentes trabalhos, a força dessas conexões, e a posição relativa de um trabalho na rede. A figura pode ser lida como segue: quanto mais espessa a linha que conecta um par de trabalhos, mais forte é a conexão entre eles, ou seja, maior a frequência com que são citados juntos. Relativamente à posição relativa na rede, quanto mais próximo do centro da rede, mais importante, ou central, é um determinado trabalho. Os trabalhos em posições centrais são citados com maior frequência do que aqueles na camada mais externa. Apesar de importantes, os trabalhos na camada mais externa são um pouco menos relevantes do que os outros trabalhos na rede, tais como o livro de Scott (1995) em teoria da organização, Vernon (1966) sobre o ciclo de vida de produtos internacionais, North (1990) sobre a teoria institucional, Williamson (1975) e Coase (1937) sobre custos de transação, entre outros.

Em nosso artigo, Barney (1991) aparece na posição central já que esse é o foco do estudo, mas outros trabalhos aparecem perto do centro, como Wernerfelt (1984), Penrose (1959), Buckley e Casson (1976) e Johanson e Vahlne (1977). Todos esses trabalhos são mostrados como tendo relações próximas com Barney (1991). Isso não significa que sejam conceitualmente idênticos, mas antes que têm sido utilizados juntos na pesquisa em negócios internacionais. Por exemplo, o pesquisador ao examinar a internacionalização de empresas pode citar Johanson e Vahlne e, também, examinar como a internacionalização pode ser influenciada por motivações baseadas em recursos, assim citando o trabalho de Barney.

Então, combinando a posição relativa na rede e a força das conexões, avaliamos a utilização dos trabalhos (artigos e livros) por pesquisadores.

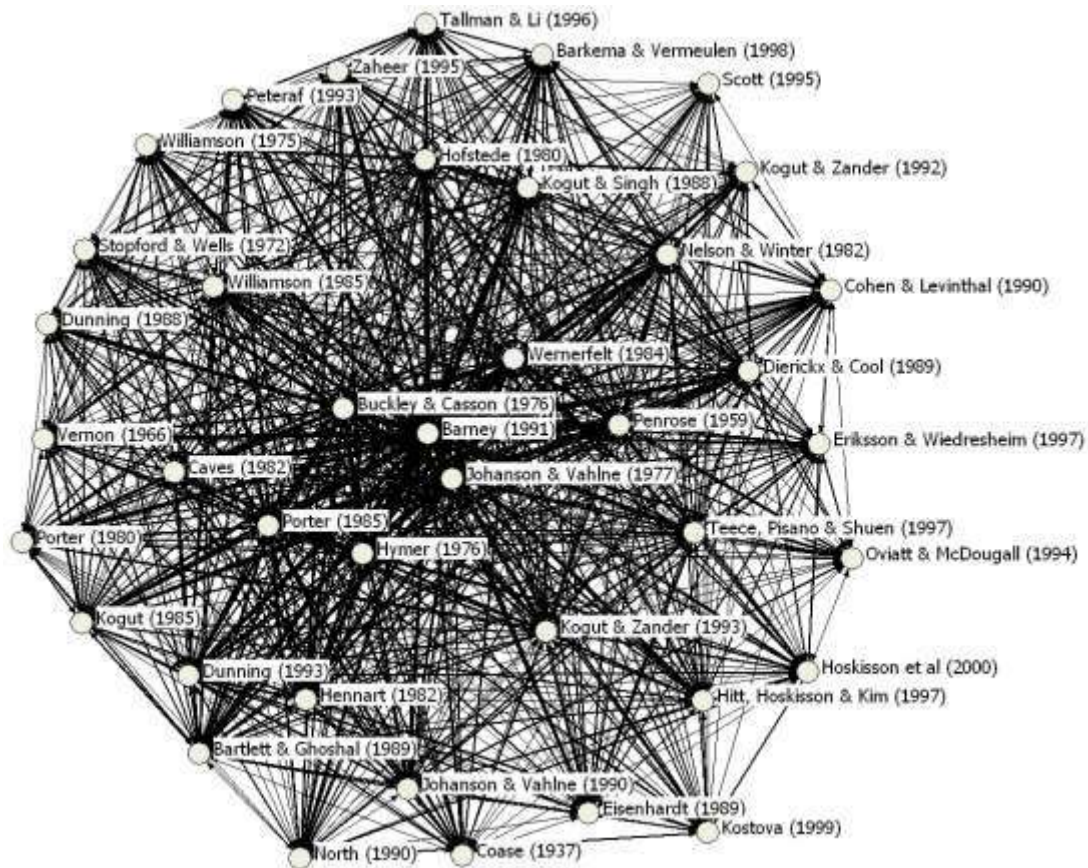


Figura 1 - Mapa de citações dos 40 trabalhos mais citados.

Fonte: Todos os trabalhos identificados citaram o artigo de Barney (1991). Dados extraídos de *ISI Web of Knowledge*. Computações dos autores usando *Bibexcel*. Figura desenhada com *Ucinet*.

Observamos possíveis alterações nas contagens de citações para determinar quaisquer mudanças no foco da pesquisa em negócios internacionais. O procedimento envolveu definir dois períodos - 1991-2000 e 2001-2010 – e avaliar quais os trabalhos que foram mais citados em cada período (ver Tabela 1). Na tabela lemos as citações de cada trabalho e seu impacto relativo medido como uma porcentagem do número total de citações de artigos publicados no JIBS (coluna %). Fica visível o aumento da pesquisa relacionada à VBR do primeiro para o segundo período – enquanto no primeiro período o artigo de Barney (1991) foi citado por 3,76% de todos os artigos, no segundo período foi citado por 10,65%. Esta variação pode não ser surpreendente para alguns pesquisadores e efetivamente reflete uma mudança de fatores mais relacionados com os países e indústrias, ou até uma mudança da abordagem de custos de transação (KINDLEBERGER, 1969; HYMER, 1976; CAVES, 1982; PORTER, 1985, 1986; WILLIAMSON, 1985) para a empresa – com ênfase em conhecimento, recursos e capacidades (KOGUT; SINGH, 1988; KOGUT; ZANDER, 1993; TEECE; PISANO;

SHUEN, 1997). Adicionalmente, esta variação acompanha uma tendência crescente de a disciplina de negócios internacionais ir na direção da estratégia internacional e se tornar uma disciplina mais focada em negócios/administração do que em economia (PENG, 2001).

Tabela 1 - Posições dos Autores mais Citados nos Artigos Publicados no JIBS

<i>Período 1991-2000</i> (n=399) (amostra n=15)				<i>Período 2001-2010</i> (n=582) (amostra n=62)			
Número de citações	% do total	% da amostra	Autores	Número de citações	% do total	% da amostra	Autores
15	3.76	100	Barney (1991)	62	10.65	100	Barney (1991)
9	2.26	60	Porter (1985)	23	3.95	27.1	Buckley & Casson (1976)
6	1.50	40	Johanson & Vahlne (1977)	22	3.78	35.5	Johanson & Vahlne (1977)
6	1.50	40	Porter (1980)	19	3.26	30.6	Wernerfelt (1984)
6	1.50	40	Hyer (1976)	17	2.92	27.4	Kogut & Singh (1988)
6	1.50	40	Penrose (1959)	16	2.75	25.8	Kogut & Zander (1993)
6	1.50	40	Wernerfelt (1984)	15	2.58	24.2	Hyer (1976)
5	1.25	33.3	Bartlett & Ghoshal (1989)	15	2.58	24.2	Teece, Pisano & Shuen (1997)
4	1.00	26.7	Porter (1986)	14	2.41	22.6	Porter (1985)
4	1.00	26.7	Kogut (1985)	14	2.41	22.6	Penrose (1959)
4	1.00	26.7	Caves (1982)	14	2.41	22.6	Hofstede (1980)
4	1.00	26.7	Collis (1991)	14	2.41	22.6	Dunning (1993)
4	1.00	26.7	Hennart (1982)	12	2.06	19.4	Williamson (1985)
3	0.75	20	Buckley & Casson (1976)	12	2.06	19.4	Bartlett & Ghoshal (1989)
3	0.75	20	Teece (1986)	11	1.89	17.7	Nelson & Winter (1982)
3	0.75	20	Kindleberger (1969)	11	1.89	17.7	Hitt, Hoskisson & Kim (1997)
3	0.75	20	Williamson (1985)	11	1.89	17.7	Caves (1982)
3	0.75	20	Coase (1937)	11	1.89	17.7	Eisenhardt & Martin (2000)
3	0.75	20	Dierickx & Cool (1989)	10	1.72	16.1	Dierickx & Cool (1989)
3	0.75	20	Prahalad & Doz (1987)	10	1.72	16.1	North (1990)

Obs.: n – número de artigos publicados no JIBS durante o período. Por exemplo, no período de 1991 a 2000, o JIBS publicou 399 artigos.

Fonte: Dados de citações coletados da *ISI Web of Knowledge*. Outros cálculos pelos autores.

A lista dos trabalhos mais citados também reflete um foco misto da pesquisa relacionada a negócios internacionais que lida com assuntos como empresas multinacionais, cultura, VBR, conhecimento e capacidades e os riscos de fazer negócios no exterior, para apontar apenas os temas de pesquisa mais proeminentes. Também, apesar de não ser surpreendente, os trabalhos mais citados tendem a ser trabalhos mais antigos. Dentre os mais

citados no JIBS estão Buckley e Casson (1976), Johanson e Vahlne (1977), Wernerfelt (1984), Kogut e Singh (1988), Hymer (1976) e Penrose (1959), todos publicados há mais de 20 anos.

A Figura 2 mostra a comunidade intelectual, ou as redes de relacionamento, na pesquisa em negócios internacionais. Nesta figura, usamos as coautorias dos artigos publicados que tiveram dois ou mais autores para desenhar as conexões. Linhas mais espessas conectando autores denotam um número maior de artigos em autoria conjunta, enquanto o diâmetro relativo dos marcadores revela o número de artigos publicados e o número de conexões.

Examinando a figura 2 identificamos quatro redes mais importantes. Por exemplo, uma das redes inclui o artigo de Hooley, Shipley, Fahy, Cox, Beracs e Kolos' (1996) sobre investimento estrangeiro e como as empresas podem aumentar o estoque de recursos que podem utilizar na concorrência doméstica. Também inclui Fahy, Hooley, Cox, Beracs, Fonfara e Snoj (2000) sobre as capacidades de marketing. Estes dois artigos têm os fundamentos teóricos na VBR. Outra rede inclui vários artigos, como Kotabe, Parente e Murray (2007), Kotabe, Srinivasan e Aulakh (2002), Gao, Murray, Kotabe e Jiangyong (2010) e Gubbi et al. (2010). Esta rede é relativamente diversificada nos temas abordados, mas podemos identificar um foco em questões de desempenho das multinacionais, em comportamentos de exportação e P&D. Kotabe, Parente e Murray (2007) lidam especificamente com um aspecto importante para as preocupações atuais: modularidade na produção – cujas implicações levam aos dilemas usuais de expansão para o exterior e terceirização que as multinacionais enfrentam. A pesquisa de Aulakh, Jiang e Pan (2010) sobre licenciamento de tecnologia internacional, um tópico que combina questões de custos de transação com um argumento baseado na VBR. Em todos estes exemplos, a VBR desempenha claramente um papel importante.

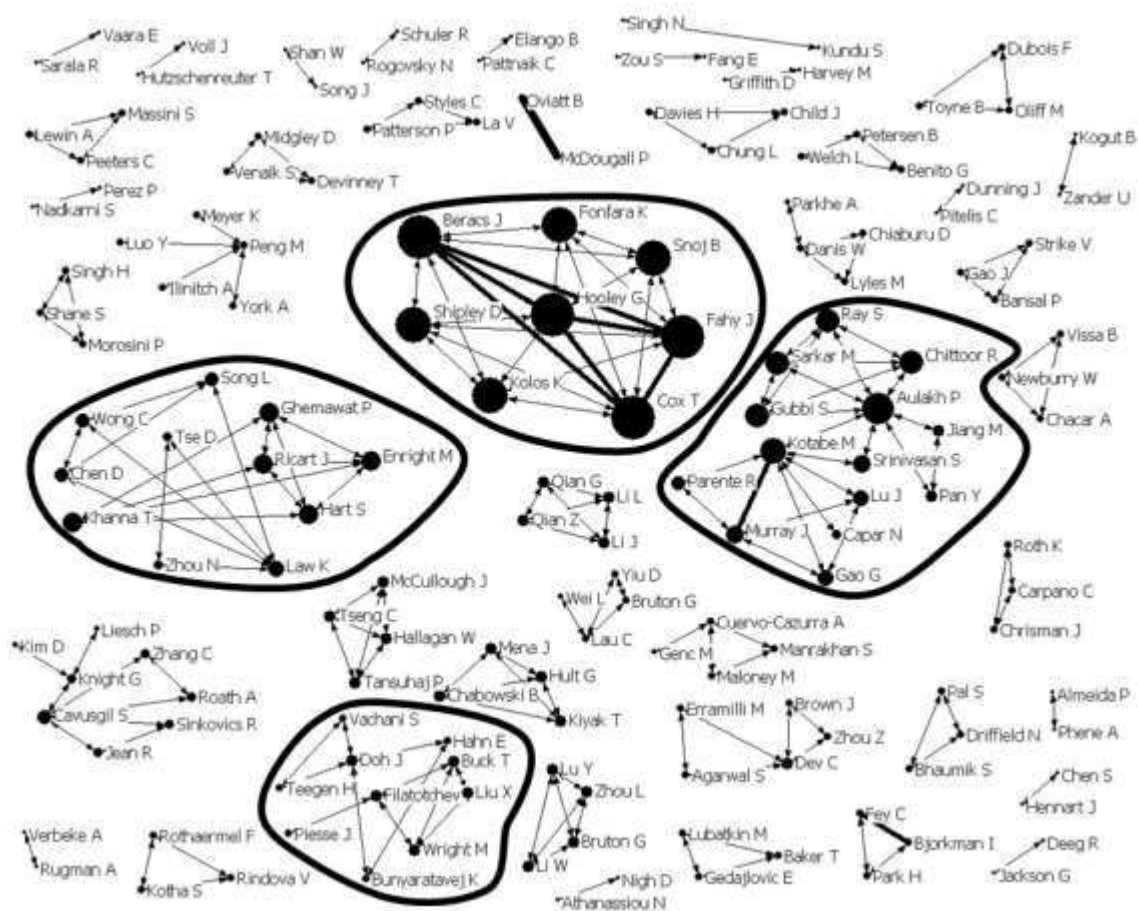


Figura 2 - Redes de relacionamento entre autores.

Obs.: A figura representa coautorias ligando pesquisadores que citaram o artigo de Barney (1991).

Fonte: Dados coletados da *ISI Web of Knowledge*. Desenhada com *Ucinet*.

A análise final envolveu identificar os temas de pesquisa dos artigos publicados (ver Figura 3). O procedimento, conforme explicado anteriormente, recorreu à análise das palavras-chave fornecidas pelos autores, para deduzir o contexto em que Barney (1991) é citado. Prosseguimos da premissa de que essas palavras-chave refletem o conteúdo do artigo. A Figura 3 retrata a rede de temas identificados nos artigos que citam Barney (1991). Devemos observar duas características básicas: primeiro, a posição de um determinado tema na rede – que reflete a frequência relativa, de modo que os temas mais centrais são abordados com maior frequência nos artigos examinados. Os temas mais frequentes foram ‘*Ambiente, geografia, clusters e regional*’, ‘*Capacidades, conhecimento, visão baseada em recursos*’ e ‘*Internacionalização, modos de entrada e vantagem estratégica*’ (ver Apêndice). Segundo, a espessura das linhas representa a frequência com que um par de temas é examinado.

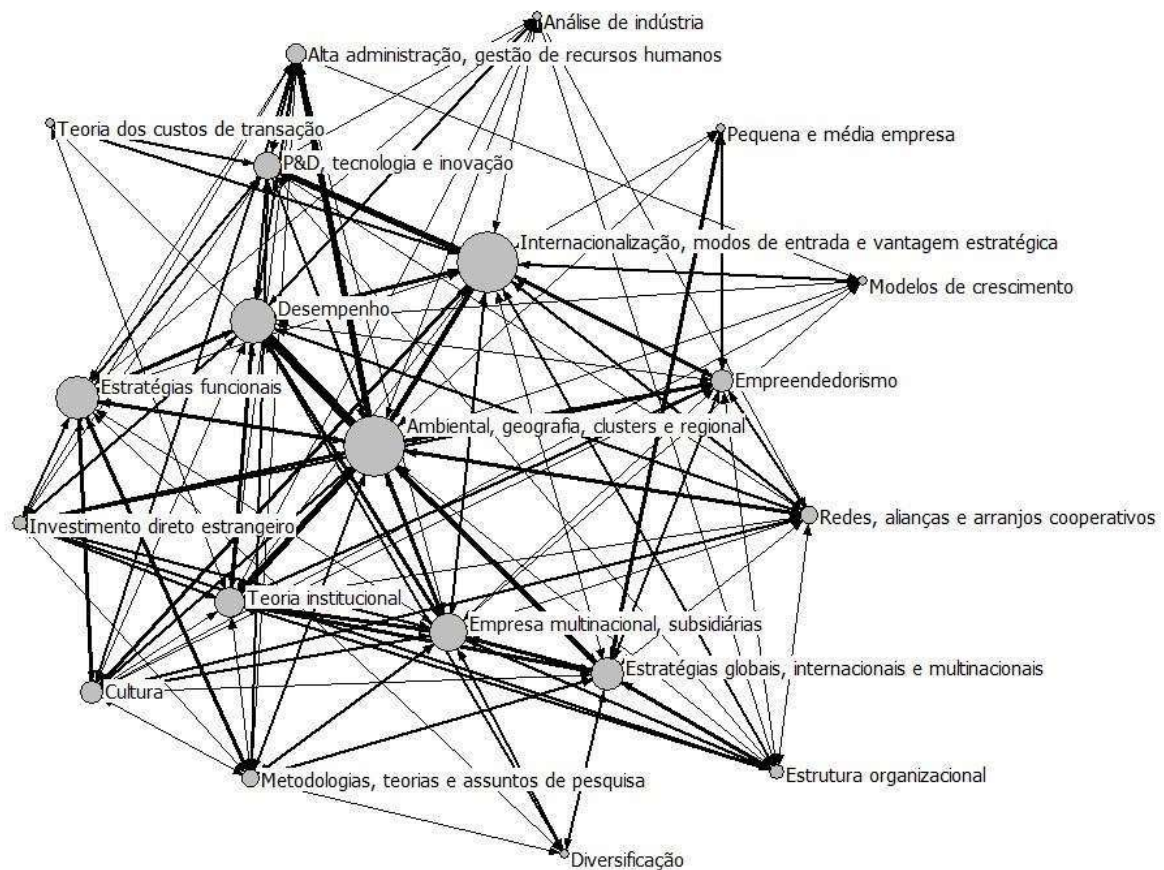


Figura 3 – Principais temas de pesquisa.

Fonte: dados coletados da ISI Web of Knowledge. Dados organizados usando Bibexcel e figura desenhada usando o Ucinet.

Dado que o nosso foco é na VBR, usando o artigo de Barney (1991) como o marcador, não incluímos o tema ‘*Capacidades, conhecimento, visão baseada em recursos*’ na representação visual do mapa, que apareceria numa posição central. No centro da rede observamos três temas que têm maior frequência: “*Ambiente, geografia, clusters e regional*”, “*Internacionalização, modos de entrada e vantagem estratégica*” e “*Desempenho*”. Estes podem não ser surpreendentes já que “*Ambiente, geografia, clusters e regional*” também é um tema central da pesquisa em negócios internacionais, principalmente porque a pesquisa em negócios internacionais lida com empresas operando em diferentes ambientes internacionais de negócios, com a escolha de locais estrangeiros e até com o foco de uma parte da pesquisa sobre como empresas selecionam localizações de excelência, tais como clusters industriais, para aprender e aumentar as capacidades que já detém (FERREIRA, 2008; TALLMAN; FLADMOE-LINDQUIST, 2008). Contribuindo para este crescimento, estão os estudos sobre economias emergentes e sobre países como a China, apesar de esta não ser uma tendência completamente nova. Aspectos relacionados com o “*Desempenho*” são frequentemente estudados como uma variável dependente já que os pesquisadores buscam melhorar o

desempenho de empresas estabelecendo melhores maneiras de operar, as melhores localizações, soluções que reduzam custos, e outros. “*Internacionalização, modos de entrada e vantagem estratégica*” está bem no centro da disciplina e é uma das lentes mais tradicionais, ou clássicas, na pesquisa em negócios internacionais, abrangendo uma variedade de decisões e fenômenos desde as escolhas do modo de entrada até a como as empresas podem prosperar ou explorar comercialmente suas vantagens no exterior. Frequentemente, esta pesquisa adotou uma abordagem baseada na VBR. A VBR também foi usada em estudos sobre ‘*Internacionalização, modos de entrada e vantagem estratégica*’, designadamente no que se refere à avaliação dos recursos das empresas para a internacionalização, que tem sido frequentemente tratada olhando para a capacidade das empresas de transferir as suas vantagens específicas. O foco na vantagem estratégica não é surpreendente sendo uma evidência do foco no nível de empresa e, especificamente, o foco no desempenho que caracteriza muita da pesquisa em gestão estratégica.

5 DISCUSSÃO E NOTAS FINAIS

Neste artigo visamos entender a influência da VBR na pesquisa em negócios internacionais. Metodologicamente, usamos especificamente o artigo de Jay Barney (1991) “*Firm resources and sustained competitive advantage*” como marcador-chave para a VBR e avaliamos até que ponto, e em que condições, foi usado pelos pesquisadores em negócios internacionais nas últimas duas décadas. Não obstante, uma observação deve ser feita: não pretendemos fazer um elogio completo ao trabalho de Barney porquanto reconhecemos que há muitos outros artigos, livros e autores relevantes tanto na origem da perspectiva VBR, quanto contribuindo para o seu desenvolvimento ao longo dos anos. Em qualquer caso, também reconhecemos que o artigo de Barney (1991) é um dos mais citados em Administração/negócios com mais de cinco mil citações (dados coletados da ISI knowledge).

Neste artigo contribuímos para melhor entender como a VBR tem sido utilizada na pesquisa existente em negócios internacionais, assim complementando outros estudos existentes (por ex., ACEDO; BARROSO; CASILLAS; GALAN, 2001; ACEDO; BARROSO; GALAN, 2006; PENG, 2001; NEWBERT, 2007; KRAAIJENBRINK, et al., 2010). Começamos por claramente observar a influência da pesquisa em VBR em negócios internacionais identificando os artigos publicados no periódico líder para a pesquisa em negócios internacionais. É evidente a tendência de crescimento ao longo do tempo da pesquisa usando a VBR em negócios internacionais; todavia, só cerca de dez por cento dos artigos mais recentes utilizaram a VBR. Mapeamos, então, as ligações intelectuais entre

estudiosos e seus trabalhos, usando análise de citações, para desvendar como esses trabalhos se entrelaçam na disciplina. As redes relacionais entre autores permitem-nos identificar agrupamentos de pesquisadores e grupos mais prolíficos. Concluímos identificando a concentração de temas e como se relacionam. Em grande medida, estas análises permitem que compreendamos algumas das principais tendências que ocorreram e, possivelmente, que capturemos a matriz de como a VBR e suas variantes se disseminaram na pesquisa em negócios internacionais. Desta forma, este trabalho também inclui uma contribuição para o maior entendimento da raiz intelectual do tópico na disciplina. Os nossos resultados fornecem alguns *insights* sobre áreas que foram menos estudadas usando a lente da VBR e que podem se mostrar áreas para futura pesquisa acadêmica, especialmente para colegas mais novos e recém-graduados que busquem identificar falhas no conhecimento atual. Por fim, o nosso estudo contribui para formar uma melhor figura dos tentáculos da VBR em negócios internacionais, já que permeia uma variedade de fenômenos.

5.1 A VBR NÃO É TÃO NOVA NA PESQUISA EM NEGÓCIOS INTERNACIONAIS

A VBR postula que as empresas devem aceder a recursos valiosos, raros, inimitáveis e insubstituíveis para ganhar e sustentar uma vantagem competitiva. A VBR é reconhecida como retendo atenção crescente na pesquisa em negócios internacionais (PENG, 2001). O crescimento no uso da VBR é largamente devido à crescente aceitação não só da teoria, mas, também, ao foco em fatores internos à empresa. Em algum grau este é um reflexo do foco na empresa, a empresa multinacional, e da busca por entender como as empresas multinacionais competem nos mercados estrangeiros em que entram. Adicionalmente, uma condição essencial para a internacionalização da multinacional é deter alguma vantagem competitiva que possa explorar nos mercados estrangeiros. Todavia, em pelo menos alguns casos, as empresas podem expandir para o exterior para ampliar seu estoque de recursos e capacidades que possam alavancar uma vantagem. Assim, ao olhar para a pesquisa em negócios internacionais devemos, provavelmente, ter uma perspectiva mais alargada da VBR de modo a incluir assuntos como a aprendizagem (FOSS; PEDERSEN, 2004), as perspectivas evolucionárias (por ex., KOGUT; ZANDER, 1993) e as visões de capacidades dinâmicas (SAPIENZA et al., 2006), todos relevantes na pesquisa atual.

Identificamos um crescimento no volume da pesquisa sustentada na VBR em negócios internacionais. O impacto da VBR na pesquisa em negócios internacionais reflete, provavelmente, que uma grande parte da pesquisa em negócios internacionais pode ser classificada como estratégia internacional e se foca em como empresas e gerentes atuam para

rearranjar a concorrência (DESS; GUPTA; HENNART; HILL, 1995; TALLMAN; LI, 1996; MJOEN; TALLMAN, 1997; VERMEULEN; BARKEMA, 2001). Isto é, a emergência da VBR como uma perspectiva influente é parte da bem conhecida evolução que a disciplina de negócios internacionais testemunhou ao longo das últimas três décadas. Primeiro, o foco mudou de questões e variáveis econômicas para as transações (WILLIAMSON, 1975; HENNART, 1982) e, mais recentemente, para a empresa (BARTLETT; GHOSHAL, 1989; DOZ, 1997; PENG, 2001). A VBR foi a protagonista com um papel de liderança nesta mudança e sinaliza a atenção dos pesquisadores nos recursos, capacidades, competências e conhecimento específicos às empresas como fontes de vantagem competitiva; em contraste com fatores ao nível da indústria ou do país.

A VBR teve uma influência pervasiva numa série de temas de pesquisa específicos a negócios internacionais (ver figura 3). Talvez a mais marcante tenha sido no entendimento de como os recursos e capacidades das empresas podem se desenvolver localmente, seja no país de origem ou no país anfitrião, e como as empresas podem transferir esses recursos/capacidades para outras operações estrangeiras, melhorando as operações e o desempenho globais da multinacional. Em algum grau, observamos as ligações com a teoria institucional e com os fatores ambientais envolventes, mas, também, observamos as ligações a aspectos ainda menos explorados de como as multinacionais podem desenvolver de modo colaborativo esses recursos. Interessante nesta matéria é o quão pouco sabemos sobre a capacidade de as empresas alavancarem o seu estoque atual de recursos para diversificar operações no nível dos negócios.

O fato, conforme observado em Peng (2001), é que os pesquisadores em negócios internacionais também fizeram algumas contribuições para o desenvolvimento da VBR e de suas variantes. Por exemplo, as contribuições por Kogut e Zander (1993) e Meyer e Peng (2005) ajudaram a entender melhor a perspectiva evolucionária e o que são recursos VRIN. Por exemplo, identificar conhecimento internacional e experiência como recursos valiosos, únicos e difíceis de imitar (HITT et al., 2006) que podem sustentar uma vantagem competitiva. De fato, a perspectiva de negócios internacionais de examinar a internacionalização como um processo incremental (JOHANSON; VAHLNE, 1977) inclui a ideia de que as empresas detêm uma vantagem baseada no país de origem, que, pelo menos em parte, já é um reconhecimento de vantagens específicas às empresas (ver, também, o trabalho seminal de HYMER (1976)). Efetivamente, Peng (2001) e Sapienza et al. (2006)

observaram como a premissa dos recursos heterogêneos que é fundacional à VBR está bem imbuída na pesquisa em negócios internacionais.

5.2 ÁREAS DE PESQUISA E LACUNAS

A nossa análise ajudou a definir muitas áreas e lacunas que merecem pesquisa adicional e da qual podemos obter um melhor entendimento para responder ao dilema de Peng (2004): O que determina o sucesso e o fracasso internacional das empresas? A VBR propõe que a vantagem competitiva das empresas deriva do seu conjunto de recursos e capacidades, mais especialmente quando estes cumprem quatro requisitos: valor, raridade, inimitabilidade e não substituição (BARNEY, 2001). Em grande medida, esta visão que se tornou complementar ou conflitante às perspectivas de organização industrial (PORTER, 1980), permitiu explicar porque há diferenças de desempenho entre empresas (BARNEY, 2001). Rumelt (1991), por exemplo, estudando empresas norte-americanas, concluiu que as condições da indústria explicavam meros 4% das diferenças de lucratividade, enquanto fatores ou recursos ao nível das empresas explicava 44% das variações de desempenho. Lopez (2001), utilizando uma amostra de empresas espanholas, também descobriu que a indústria respondia por apenas 3% da variação do desempenho, e que os recursos de empresas respondiam por 36%.

A pesquisa usando uma abordagem da VBR almejou principalmente temas como desempenho, internacionalização e modos de entrada, empresas multinacionais e subsidiárias, ambiente e geografias (ver a Figura 3). Em contraste, deu menos atenção a aspectos como diversificação, cultura, TMT e recursos humanos, pequenas e médias empresas e empreendedorismo, redes, entre outros. É interessante a et respeito notar que Peng (2001) argumentou a contribuição da VBR para o estudo de multinacionais e dos modos de entrada em mercados estrangeiros, o que confirmamos. Todavia, como a VBR foi incorporada nesses estudos? As nossas análises destacam possíveis explicações. Para a pesquisa sobre modos de entrada, a VBR oferece lentes voltadas ao estudo das vantagens específicas das empresas construídas por recursos e capacidades que orientam a seleção do modo de entrada. Até a literatura sobre *born globals*, ou sobre internacionalização desde a gênese – que é uma das correntes em empreendedorismo internacional – pode ser examinada avaliando os recursos e capacidades, ou o conhecimento, detido por essas empresas que lhes proporciona alguma forma de vantagem, apesar das desvantagens de serem novas e estrangeiras (*liabilities of newness and foreignness*).

No entanto, Peng (2001) também observou o enriquecimento de áreas como a formação de parcerias, o empreendedorismo e mercados emergentes, apesar de não conseguirmos

encontrar tal evidência. Não obstante, podemos identificar como essa pesquisa poderia ser realizada. Por exemplo, a formação de parcerias e o *networking* são veículos para acessar recursos ainda não detidos, e uma avaliação exata da contribuição potencial dos parceiros para a colaboração é crucial para o seu sucesso futuro. Muitas das redes e acordos colaborativos são estabelecidos em indústrias intensivas em conhecimento em que as capacidades das empresas importam (KOGUT; ZANDER, 1993), e essas redes permitem acessar recursos complementares para o estoque já detido. Adicionalmente, ao entrar em mercados emergentes, as empresas podem fazer parcerias como forma de superar as imperfeições do mercado e as insuficiências de um ambiente institucional subdesenvolvido. O conjunto de parcerias pode ser em si próprio um recurso estratégico.

Os resultados mostram que a pesquisa sobre a Equipe da Alta Administração (TMT - *Top Management Teams*) e sobre gestão de recursos humanos ainda precisa de mais atenção. Um percurso possível, usando a VBR, está e como uma fonte central de vantagem para a empresa pode estar na experiência internacional dos gestores, e como ela proporciona a capacidade de operar em países estrangeiros (FERREIRA, 2008).

As decisões de localização são um tema central da pesquisa em negócios internacionais e um dos três pilares do paradigma eclético de Dunning. Nas últimas duas décadas, pesquisadores em negócios internacionais buscaram entender o impacto do ambiente institucional do país receptor em múltiplas decisões e estratégias (NORTH, 1990; OLIVER, 1997; MEYER, 2001; MEYER et al., 2009). Até certo ponto, esta linha de pesquisa distinguiu entre operar em economias desenvolvidas em comparação com economias emergentes ou em transição (FERREIRA; LI; JANG, 2009; MEYER et al., 2009) e Hoskisson et al. (2000) discutiram como os recursos específicos às empresas que proporcionaram uma vantagem em países desenvolvidos podem não ter o mesmo valor ao operar em economias em transição. É possível que, pelo menos em alguns casos, as empresas precisem fazer parcerias com outras para acessar os recursos necessários nesses ambientes. A forma como os ambientes institucionais dos países anfitriões estão evoluindo, especialmente nas economias emergentes, e as estratégias das empresas para entrar nesses ambientes pode se beneficiar de usar a VBR como a perspectiva conceitual. Esta linha de investigação pode estar relacionada com o tema sobre *P&D, tecnologia e inovação*, designadamente sobre o modo como as empresas se internacionalizam para buscar inovação e capacidade inovadora, talvez utilizando a visão baseada no conhecimento da multinacional (KOGUT; ZANDER, 1992, 1993).

A linha de pesquisa sobre “*internacionalização, modos de entrada e vantagem estratégica*” (ver Figura 3) é bem representada nos nossos resultados. Isto não é surpreendente uma vez que as vantagens de posse como uma condição central para a internacionalização já são bem compreendidas pelos pesquisadores em negócios internacionais. O modelo de Uppsala de internacionalização como um processo incremental e gradual (JOHANSON; VAHLNE, 1977) assenta na acumulação de conhecimento e no entendimento das competências necessárias para operar em mercados estrangeiros. De fato, frequentemente, as vantagens das empresas são específicas aos seus países de origem. Todavia, pesquisa futura pode explorar melhor o tipo de recursos e de capacidades que devem ser desenvolvidos internamente, quais devem ser buscados em países estrangeiros (assim, parcialmente explicando o investimento direto estrangeiro) e como os recursos e competências condicionam a seleção do modo de entrada.

Os recursos e capacidades que as empresas detém são fundamentais para entender as atividades internacionais das empresas. Por exemplo, presidindo à seleção dos modos de entrada está o conjunto de recursos exigido pela própria operação. A decisão de realizar internamente as operações estrangeiras ou de contratá-las de um fornecedor independente depende do potencial de alcançar uma vantagem competitiva ou de evitar custos de transação. As empresas preferem internalizar operações – e realizar investimento direto estrangeiro – quando as suas vantagens puderem ser esbatidas por parceiros oportunistas ou se forem difíceis de transferir. Esta linha de pesquisa pode ser complementada com uma abordagem de custos de transação.

Os temas sobre “*pequenas e médias empresas*” e sobre “*empreendedorismo*” também estão pouco explorados. Utilizando a VBR possíveis pesquisas futuras podem envolver o entendimento de quais são os recursos e capacidades que as pequenas ou novas empresas precisam para conseguir concorrer no mercado global. Isto é, como as pequenas ou novas empresas competem contra as grandes multinacionais em países estrangeiros. É provável que parte da resposta esteja na seleção de nichos de mercado em que as multinacionais não entram. Outra abordagem pode examinar capacidades específicas, sobretudo experienciais, que proporcionam às pequenas empresas maior flexibilidade para se adaptar ao país recetor, algo que as multinacionais, com ofertas padronizadas, têm dificuldade em conseguir.

Uma variedade de outros temas merece pesquisa adicional. Por exemplo, o tema sobre “*multinacionais e subsidiárias*” ainda é razoavelmente escasso em permitir entender como melhor organizar internamente os fluxos de transferência de conhecimento e os mecanismos

de coordenação e incentivo necessários. Adicionalmente, apesar de serem bem conhecidos as desvantagens de ser estrangeiro e o impacto de operar em países culturalmente distantes (KOGUT; SINGH, 1988), é menos entendido como as vantagens específicas às empresas construídas no país de origem podem ser ajustadas para operar num país diferente. Por exemplo, ao enfrentar países culturalmente distantes, as empresas respondem selecionando modos de entrada de baixo envolvimento, mas esta escolha impede muitas empresas de capturarem integralmente as rendas potenciais. A capacidade de operar eficazmente em diferentes ambientes nacionais é uma capacidade, mas raramente as empresas planejam ativamente para desenvolver tal capacidade.

5.3 LIMITAÇÕES

O nosso estudo foi limitado a um único periódico – o JIBS – o que é uma limitação. O JIBS é o periódico líder na disciplina e, provavelmente, capturará as linhas de pesquisa mais significativas. Outros periódicos em negócios internacionais e em negócios/administração também publicam pesquisas relacionadas a negócios internacionais, talvez com ênfase ou orientação diferentes que podem influenciar os arcabouços e perspectivas teóricas que os pesquisadores utilizam. Ainda assim, estamos confiantes de que o objetivo do nosso estudo é alcançado com uma amostra de artigos do principal periódico em negócios internacionais, que se espera apresente o estado da arte da disciplina. No entanto, em pesquisas futuras podemos ampliar a nossa análise para incluir outros periódicos que nos podem permitir detectar se há outros padrões e conexões relacionados com o impacto da VBR nos estudos em negócios internacionais. Mesmo assim, o foco na publicação líder é atraente porque os principais periódicos mais provavelmente publicarão trabalhos inovadores que pontuam o desenvolvimento intelectual de uma disciplina. Por outro lado, mantendo o estudo num único periódico, evitamos enviesamentos emergentes de políticas editoriais ou interesses regionais. Para concluir, merece notar que o JIBS, comparado a outros periódicos específicos em negócios internacionais, tem o maior registro histórico de artigos disponíveis na *ISI web of knowledge*. Por exemplo, o *International Business Review*, o periódico da Academia Europeia de Negócios Internacionais, só está disponível a partir de 2005, o *Journal of International Management* está disponível a partir de 2007, o *European Journal of International Management* está disponível a partir 2008 e o *Management International Review*, apesar de fundado em 1966, tem um longo período não incluído na ISI.

Na literatura existente em negócios internacionais podemos encontrar vários exemplos de revisões da literatura e utilizando diferentes métodos. Estudos bibliométricos são menos

comuns e as técnicas que utilizamos para avaliar o impacto de um autor ou tópico numa disciplina são pouco comuns. Todavia, o método não é imune a críticas. As análises de citações e de cocitações podem ser algo enviesadas para os trabalhos mais antigos e conhecidos. O fato é que trabalhos mais antigos tendem a ser mais citados do que trabalhos mais recentes. No entanto, devemos mencionar que o nosso objetivo não foi observar citações ao artigo de Barney (1991), mas antes usamos este trabalho como um marcador-chave para a VBR. As análises de citações e de cocitações também não nos permitem um entendimento absolutamente claro do contexto em que uma citação é feita. Uma citação pode ser feita com diferentes objetivos, em alguns casos para construir um argumento, em outros para criticar. Por exemplo, observamos que os trabalhos em VBR e TCT são frequentemente cocitados, o que pode ser explicado por pesquisadores buscando comparar as diferentes previsões de diferentes teorias para um certo fenômeno (MADHOK, 1997). Em alguns casos, as críticas a uma teoria são um modo de revelar uma lacuna e apresentar novas abordagens. Estas lacunas podem constituir a questão de pesquisa num artigo. Esta limitação pode ser superada em pesquisas futuras realizando uma análise em profundidade da literatura, por meio de uma análise de conteúdo, para determinar qual é a evolução no uso da VBR na pesquisa em negócios internacionais, diferenças ao longo do tempo nos métodos usados e mesmo como a VBR foi aplicada a diferentes assuntos.

É, ainda, válido observar que usar a *ISI web of knowledge* como a fonte para os dados para o estudo bibliométrico pode também ser uma limitação. Apesar de *ISI web of knowledge* ser uma das bases de dados líderes, e mais amplamente utilizadas para pesquisa acadêmica, com uma ligação ao *Journal citation report (JCR)*, apenas permite que busquemos em cada periódico artigos num número selecionado de “áreas”. Especificamente, as ferramentas de busca disponíveis executam a pesquisa nos seguintes campos: título, resumo, palavras-chave fornecidas pelo autor e nas palavras-chave geradas pela ISI, e não no texto completo do manuscrito. Esta limitação pode ser superada usando outras bases de dados e motores de busca tais como o Scopus. Contudo, após alguns testes exploratórios (não reproduzidos aqui), e dado que o nosso foco foi em apenas um periódico o tamanho da base de dados não é relevante. Eventuais diferenças serão pequenas, não afetando a nossa confiança de que a nossa amostra é uma representação adequada da pesquisa existente e correta para este estudo bibliométrico.

Também reconhecemos a limitação referente à forma como classificamos os principais temas pesquisados. Apesar de termos usado as palavras-chave fornecidas pelos autores para

extrapolar o conteúdo, seguindo o procedimento descrito em Furrer, Tomas e Goussevskaia (2008), as palavras-chave podem não descrever claramente o conteúdo de um artigo, o que resultaria numa análise incompleta. Adicionalmente, merece uma menção que seguir o procedimento de Furrer et al. (2008) pode trazer alguma sobreposição entre alguns dos temas identificados. Esta é uma preocupação relativa à validade discriminante do construto, que poderia reduzir a força de alguns construtos (temas) mostrados na Figura 3. Um exemplo é o tema “Ambiente, geografia, clusters e regional” onde encontramos algumas palavras-chave que não estão completamente dissociadas de outros temas como “Cultura” e “Diversificação”. Apesar desta limitação, estamos confiantes de que essa potencial sobreposição não altera substancialmente as conclusões a que chegamos. Assim, pesquisa futura pode desenvolver outro procedimento para inferir os temas, ou o conteúdo, dos artigos, designadamente utilizando software de análise de conteúdo.

Por fim, o nosso objetivo era examinar a VBR e entender como tem sido usada na pesquisa em negócios internacionais. Um entendimento mais completo de negócios internacionais como um campo de estudo poderia ser capturado em pesquisa futura alargando as análises para incluir comparações com outras teorias. Por exemplo, comparando o impacto da VBR e de outras teorias, como a TCT ou a teoria institucional, poderia ser interessante.

5.4 CONTRIBUIÇÃO

Artigos que fazem análises bibliométricas da pesquisa existente podem ser especialmente úteis para novos pesquisadores e estudantes de mestrado e doutorado. Podem não só aprender sobre a pesquisa existente, como, também, quem são os autores e os trabalhos mais influentes e os temas de pesquisa mais salientes. Apesar de as nossas análises não excluirmos a interpretação pelos leitores dos resultados, podem identificar quais as áreas que foram relativamente menos abordadas e que podem ser possíveis alimentar os seus estudos futuros.

Entender o impacto da VBR é particularmente útil para entender quais os recursos e capacidades que as empresas detêm e que estas podem explorar em cenários nacionais e internacionais, mas também saber quais recursos e capacidades precisam desenvolver para competir. Num contexto de negócios internacionais, a VBR pode oferecer dicas para decisões tão diferentes como a escolha do local, o modo de entrada a utilizar, a identificação do melhor parceiro para uma aliança ou uma *joint-venture*. Sobretudo, a VBR oferece a gestores e estrategistas uma moldura para identificar as forças e fraquezas da empresa.

Há muito a progredir no campo da pesquisa em negócios internacionais usando a VBR. Para os gestores, pode ser especialmente importante desenvolver esquemas que permitam que os gerentes identifiquem os recursos que são mais valiosos em cada país estrangeiro. Dado que países diferentes têm ambientes institucionais e regras de concorrência diferentes, dificilmente o mesmo conjunto de recursos específicos à empresa terá valor idêntico em todos os países. De modo similar, quais dos recursos da empresa são verdadeiramente valiosos para sustentar a diversificação internacional. E, quais os recursos que as multinacionais devem buscar alavancar e transferir internamente para as subsidiárias em diferentes países. Esta última é particularmente relevante para gerentes de subsidiárias que precisam promover mecanismos para a absorção e para a transferência de conhecimento internamente para outras subsidiárias.

Este artigo, como qualquer revisão da literatura, independentemente do método utilizado, oferece aos pesquisadores uma imagem ampla do estado da arte e do conhecimento acumulado num campo de estudo. Estabelecendo o artigo de Barney (1991) como o marcador-chave da VBR não pretendemos capturar toda a pesquisa baseada em VBR, mas, simplesmente, obter uma imagem clara da evolução. O fato é que a disciplina de negócios internacionais também evoluiu devido aos *insights* fornecidos pela VBR, especialmente sobre como olhar para o interior da empresa e o que devemos procurar, em contraste à tradicional ênfase na indústria ou no meio envolvente mais amplo. O estudo das decisões de investimento, localização, modos de entrada, multinacionais e subsidiárias muito se beneficiou de utilizar a abordagem VBR. Não obstante, ainda há muito a ser examinado para realmente se obter um entendimento completo das operações internacionais das empresas.

REFERÊNCIAS

ACEDO, F.; BARROSO, C.; CASILLAS, J.; GALAN, J. Dominant approaches in the field of management. **International Journal of Organizational Analysis**, v. 9, n. 4, p. 327-353, 2001.

ACEDO, F.; BARROSO, C.; GALAN, J. The resource-based theory: Dissemination and main trends. **Strategic Management Journal**, v. 27, p. 621-636, 2006.

AMIT, R.; SCHOEMAKER, P. Strategic assets and organizational rent. **Strategic Management Journal**, v. 14, p. 33-46, 1993.

ANDERSON, E.; GATIGNON, H. Modes of foreign entry: A transaction cost analysis and propositions. **Journal of International Business Studies**, v. 17, n. 3, p. 1-26, 1986.

- AULAKH, P.; JIANG, M.; PAN, Y. International technology licensing: Monopoly rents, transaction costs and exclusive rights, **Journal of International Business Studies**, v. 41, n. 4, p. 587-605, 2010.
- BAIN, J. **Industrial organization**. Nova York, NY: John Wiley, 1968.
- BARNEY, J. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.
- _____. **Gaining and sustaining competitive advantage**, New York: Prentice Hall, 2002.
- _____. Strategic factor markets. **Management Science**, v. 32, n. 10, p. 1231-1241, 1986.
- BARNEY, J.; WRIGHT, M.; KETCHEN, D. The resource-based view of the firm: Ten years after 1991. **Journal of Management**, v. 27, n. 6, p. 625-641, 2001.
- BARTLETT, C.; GHOSHAL, S. **Managing across borders: The transnational solution**. Boston, MA: Harvard Business School Press, 1989.
- BEAUDRY, P.; DUPAIGNE, M.; PORTIER, F. Modeling news-driven international business cycles. **Review of Economic Dynamics**, v. 14, n. 1, p. 72-91, 2011.
- BIRKINSHAW, J.; HOOD, N. Multinational subsidiary evolution: Capability and charter change in foreign-owned subsidiary companies. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 4, p. 773-795, 1998.
- BRANNEN, M.; DOZ, Y. From a distance and detached to up close and personal: Bridging strategic and cross-cultural perspectives in international management research and practice. **Scandinavian Journal of Management**, v. 26, n. 3, p. 236-247, 2010.
- BUCKLEY, P.; CASSON, M. **The future of the multinational enterprise**. London: Macmillan, 1976.
- BUCKLEY, P.; CHAPMAN, M. Theory and method in international business research. **International Business Review**, v. 5, n. 3, p. 233-245, 1996.
- BUCKLEY, P.; PASS, C.; PRESCOTT, K. The internationalization of service firms: A comparison with the manufacturing sector. **Scandinavian International Business Review**, v. 1, n. 1, p. 39-56, 1992.
- CHANDRA, R.; NEWBURRY, W. A cognitive map of the international business field. **International Business Review**, v. 6, n. 4, p. 387-410, 1997.
- CHANG, S. International expansion strategy of Japanese firms: Capability building through sequential entry. **Academy of Management Journal**, v. 38, n. 2, p. 383-407, 1995.
- CZINKOTA, M.; ROAKAINEN, I. International business and trade in the next decade: Report from a Delphi study. **Journal of International Business Studies**, v. 28, n. 4, p. 827-844, 1997.
- DAS, T.; TENG, B. A resource-based theory of strategic alliances. **Journal of Management**, v. 26, n. 1, p. 31-61, 2000.

DESS, G.; GUPTA, A.; HENNART, J-F.; HILL, C. Conducting and integrating strategy research at the international, corporate, and business levels. **Journal of Management**, v. 21, n. 3, p. 357-393, 1995.

DIERICKX, I.; COOL, K. Asset stock accumulation and sustainability of competitive advantage. **Management Science**, v. 35, n. 12, p. 1504-1511, 1989.

DIODATO, V. **Dictionary of bibliometrics**. Binghamton (NY): Haworth Press, 1994.

DOH, J. Offshore outsourcing: Implications for international business and strategic management theory and practice. **Journal of Management Studies**, v. 42, n. 3, p. 695-704, 2005.

DOZ, Y. Strategic management and international business research: An empirical convergence? In: TOYNE, B.; NIGH, D. (Eds.). **International business: An emerging vision**. Columbia, SC: University of South Carolina Press, 1997. p. 488-497.

DUBOIS, F.; REEB, D. Ranking the international business journals, **Journal of International Business Studies**, v. 31, n. 4, p. 689-704, 2001.

DUNNING, J.; PITELIS, C. Stephen Hymer's contribution to international business scholarship: An assessment and extension. **Journal of International Business Studies**, v. 39, p. 167-176, 2008.

FAHY, J.; HOOLEY, G.; COX, T.; BERACH, J.; FONFARA, K.; SNOJ, B. The development and impact of marketing capabilities in Central Europe. **Journal of International Business Studies**, v. 31, n. 1, p. 63-81, 2000.

FERREIRA, M. A bibliometric study on Ghoshal's managing across borders, **Multinational Business Review**, v. 19, n. 4, p. 357 – 375, 2011.

_____. **Building and leveraging knowledge capabilities through cross border acquisitions: The effect of the multinational corporation's capabilities and knowledge strategy on the degree of equity ownership**. Unpublished doctoral dissertation, The University of Utah, Utah, EUA, 2005.

FERREIRA, M. Building and leveraging knowledge capabilities through cross-border acquisitions. In: TALLMAN, S. (Ed.). **New generations in international strategy**. Edward Elgar Publishing, Ltd, 2008.

FERREIRA, M.; LI, D.; JANG, Y. Foreign entry strategies: strategic adaptation to the various facets of the institutional environments. **Development and Society**, v. 38, n. 1, p. 27-55, 2009.

FERREIRA, M.; SERRA, F. Make or buy in a mature industry? Models of client-supplier relationships under TCT and RBV perspectives. **Brazilian Administration Review (BAR)**, v. 7, n. 1, p. 22-39, 2010.

FOSS, N.; PEDERSEN, T. Organizing knowledge processes in the multinational corporation: An introduction. **Journal of International Business Studies**, v. 35, p. 340-349, 2004.

FURRER, O.; TOMAS, H.; GOUSSEVSKAIA, A. The structure and evolution of the strategic management field: A content analysis of 26 years of strategic management research. **International Journal of Management Reviews**, v. 10, n. 1, p. 1-23, 2008.

GAO, G.; MURRAY, J.; KOTABE, M.; JIANGYONG, L. A “strategy tripod” perspective on export behaviors: Evidence from domestic and foreign firms based in an emerging economy. **Journal of International Business Studies**, v. 41, n. 3, p. 377-396, 2010.

GELBUDA, M.; MEYER, K.; DELIOS, A. International business and institutional development in central and eastern Europe. **Journal of International Management**, v. 14, n. 1, p. 1-12, 2008.

GRANT, R. The resource-based theory of competitive advantage: Implications for strategy formulation. **California Management Review**, Spring, p. 114-135, 1991.

_____. Toward a knowledge-based theory of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 17, p. 109-122, 1996.

GUBBI, S.; AULAKH, P.; RAY, S.; SARKAR, M.; CHITTOOR, R. Do international acquisitions by emerging economy firms create shareholder value? The case of Indian firms. **Journal of International Business Studies**, v. 41, p. 397-418, 2010.

GULATI, R.; LAVIE, D.; SINGH, H. The nature of partnering experience and the gains from alliances. **Strategic Management Journal**, v. 30, n. 11, p. 1213-1233, 2009.

GUPTA, A.; GOVINDARAJAN, V. Knowledge flows within multinational corporations. **Strategic Management Journal**, v. 21, n. 4, p. 473-496, 2000.

HAMEL, G. Competition for competence and inter-partner learning within international strategic alliances. **Strategic Management Journal**, v. 12, p. 83-103, 1991.

HAMEL, G.; PRAHALAD, G. **Competing for the future**. Boston, MA: Harvard Business School Press, 1994.

HELFAT C.; LIBERMAN B. The birth of capabilities: Market entry and importance of pre-history. **Industrial and Corporate Change**, v. 19, n. 6, p. 725-760, 2002.

HELFAT, C.; PETERAF, M. The dynamic resource-based view: Capability lifecycles. **Strategic Management Journal**, v. 24, p. 997-1010, 2003.

HENNART, J-F. **A theory of multinational enterprise**. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1982.

HITT, M.; BIERMAN, L.; HULENBRUCK, K.; SHINIZU, K. The importance of resources in the internationalization of professional service firms: The good, the bad, and the ugly. **Academy of Management Journal**, v. 49, p. 1137-1157, 2006.

HITT, M.; DACIN, M.; LEVITAS, E.; ARREGLE, J-L.; BORZA, A. Partner selection in emerging and developed market contexts: Resource-based and organizational learning perspectives. **Academy of Management Journal**, v. 43, n. 3, p. 449-467, 2000.

HITT, M.; HOSKISSON, R.; KIM, H. International diversification: Effects on innovation and firm performance in product-diversified firms. **Academy of Management Journal**, v. 40, n. 4, p. 767-798, 1997.

HOOLEY, G.; SHIPLEY, D.; FAHY, J.; COX, T.; BERACS, J.; KOLOS, K. Foreign direct investment in Hungary: Resource acquisition and domestic competitive advantage. **Journal of International Business Studies**, v. 27, n. 4, p. 683-709, 1996.

HOSKISSON, R.; EDEN, L.; LAU, C-M.; WRIGHT, M. Strategies in emerging economies. **Academy of Management Journal**, v. 43, n. 3, p. 249-267, 2000.

HYMER, S. **The international operations of national firms**. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

INKPEN, A.; BEAMISH, P. An analysis of twenty-five years of research in the Journal of International Business Studies. **Journal of International Business Studies**, v. 25, p. 703-713, 1994.

JOHANSON, J.; VAHLNE, J. The internationalization process of the firm: A model of knowledge development and increasing foreign market commitment. **Journal of International Business Studies**, v. 8, p. 22-32, 1977.

JONES, M.; COVIELLO, N.; TANG, Y. International entrepreneurship research (1989–2009): A domain ontology and thematic analysis. **Journal of Business Venturing**, v. 26, n. 6, p. 632-659, 2011.

KOGUT, B. The evolutionary theory of the multinational corporation. In: TOYNE, B.; NIGH, D. (Eds.). **International business: An emerging vision**. Columbia, SC: University of South Carolina Press, p. 470-488, 1997.

KOGUT, B.; ZANDER, U. Knowledge of the firm, combinative capabilities, and the replication of technology. **Organization Science**, v. 3, p. 383-397, 1992.

_____. Knowledge of the firm and the evolutionary theory of the multinational corporation. **Journal of International Business Studies**, v. 24, p. 625-645, 1993.

KOSTOVA, T.; ZAHEER, S. Organizational legitimacy under conditions of complexity: The case of the multinational enterprise. **Academy of Management Review**, v. 24, p. 64-81, 1999.

KOTABE, M.; PARENTE, R.; MURRAY, J. Antecedents and outcomes of modular production in the Brazilian automobile industry: A grounded theory approach. **Journal of International Business Studies**, v. 38, n. 1, p. 84-106, 2007.

KOTABE, M.; SRINIVASAN, S.; AULAKH, S. Multinationality and firm performance: The moderating role of R&D and marketing capabilities. **Journal of International Business Studies**, v. 33, n. 1, p. 79-97, 2002.

LEONIDOU, L.; KATSIKEAS, C.; COUDOUNARIS, D. Five decades of business research into exporting: A bibliographic analysis. **Journal of International Management**, v. 16, n. 1, p. 78-91, 2010.

- LI, D.; FERREIRA, M. Institutional environment and firms' sources of financial capital in Central and Eastern Europe. **Journal of Business Research**, v. 64, n. 4, p. 371-376, 2010.
- LOCKETT, A.; THOMPSON, S.; MORGENSTERN, U. The development of the resource-based view of the firm: A critical appraisal. **International Journal of Management Reviews**, v. 11, n. 1, p. 9-28, 2009.
- LOPEZ, V. An overview review of the Resource-Based View of the firm, drawing on recent Spanish management research. **Irish Journal of Management**, v. 22, n. 2, p. 105-120, 2001.
- LU, J. The evolving contributions in international strategic management research. **Journal of International Management**, v. 9, n. 2, p. 193-213, 2003.
- MADHOK, A. Cost, value, and foreign market entry mode: The transaction and the firm. **Strategic Management Journal**, v. 18, n. 1, p. 39-61, 1997.
- MAHONEY, J.; PANDIAN, J. The resource-based view within the conversation of strategic management. **Strategic Management Journal**, v. 13, p. 363-380, 1992.
- MCDUGALL, P.; SHANE, S.; OVIATT, B. Explaining the formation of international new ventures: The limits of theories from international business research. **Journal of Business Venturing**, v. 9, n. 6, p. 469-487, 1994.
- MEYER, K. Institutions, transaction costs, and entry mode choice in Eastern Europe. **Journal of International Business Studies**, v. 32, n. 2, p. 357-367, 2001.
- MEYER, K.; ESTRIN, S.; BHAUMIK, S.; PENG, M. Institutions, resources and entry strategies in emerging economies. **Strategic management journal**, v. 30, n. 1, p. 61-80, 2009.
- MEYER, K.; PENG, M. Probing theoretically into Central and Eastern Europe: Transactions, resources, and institutions. **Journal of International Business Studies**, v. 36, p. 600-621, 2005.
- NEWBERT, S. Empirical research on the Resource Based View of the firm: An assessment and suggestions for future research. **Strategic Management Journal**, v. 28, p. 121-146, 2007.
- NORTH, D. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1990.
- OLIVER, C. Sustainable competitive advantage: Combining institutional and resource-based views. **Strategic Management Journal**, v. 18, n. 9, p. 697-713, 1997.
- OVIATT, B.; MCDUGALL, P. Toward a theory of international new ventures. **Journal of International Business Studies**, v. 25, p. 45-64, 1994.
- PENG, M. Identifying the big question in international business research. **Journal of International Business Studies**, v. 35, p. 99-108, 2004.
- PENG, M. The resource-based view and international business. **Journal of Management**, v. 27, n. 6, p. 803-829, 2001.

PENROSE, E. **The theory of the growth of the firm**. Nova York, NY: Oxford University Press, 1959.

PETERAF, M. The cornerstones of competitive advantage: A resource-based view. **Strategic Management Journal**, v. 14, n. 3, p. 179-191, 1993.

PETERAF, M.; BARNEY, J. Unraveling the resource-based tangle. **Managerial and Decision Economics**, v. 24, p. 309-323, 2003.

PHELAN, S.; FERREIRA, M. P.; SALVADOR, R. The first twenty years of the Strategic Management Journal: 1980-1999. **Strategic Management Journal**, v. 23, p. 1161-1168, 2002.

PHENE, A.; GUISSINGER, S. The stature of the Journal of International Business Studies, **Journal of International Business Studies**, v. 29, n. 3, p. 621-632, 1998.

PITELIS, C. Edith Penrose and the resource-based view of (international) business strategy. **International Business Review**, v. 13, n. 4, p. 523-532, 2004.

PORTER, M. **Competitive strategy: Techniques for analyzing industries and competitors**. New York, NY: Free Press, 1980.

PORTER, M. How competitive forces shape strategy. **Harvard Business Review**, p. 137-145, mar./abr., 1979.

PRAHALAD, C.; HAMEL, G. The core competence of the corporation. **Harvard Business Review**, v. 68, p. 79-91, 1990.

PRIEM, R.; BUTLER, J. Is the resource-based “view” a useful perspective for strategic management research? **Academy of Management Review**, v. 26, n. 1, p. 22-40, 2001.

RAMOS-RODRIGUEZ, A.; RUIZ-NAVARRO, J. Changes in the intellectual structure of strategic management research: A bibliometric study of the Strategic Management Journal, 1980-2000. **Strategic Management Journal**, v. 25, n. 10, p. 981-1004, 2004.

ROUSE, M.; DAELLENBACH, U. More thinking on research methods for the resource-based perspective. **Strategic Management Journal**, v. 23, n. 10, p. 963-967, 2002.

RUMELT, M. How much does industry matter. **Strategic Management Journal**, v. 12, p. 167-185, 1991.

RUMELT, R. Towards a strategic theory of the firm. In: LAMB, R. (Ed.). **Competitive strategic management**. New Jersey, NJ: Englewood Cliffs, 1984.

SAPIENZA, H.; AUTIO, E.; GEORGE, G.; ZAHRA, S. A capabilities perspective on the effects of early internationalization on firm survival and growth. **Academy of Management Review**, v. 31, p. 914-933, 2006.

SHARMA, V.; ERRAMILI, M. Resource-based explanation of entry mode choice. **Journal of Marketing Theory & Practice**, v. 12, n. 1, p. 1-18, 2004.

SINKOVICS, R.; PENZ, E. Social distance between residents and international tourists: Implications for international business. **International Business Review**, v. 18, n. 5, p. 457-469, 2009.

TAHAI, A.; MEYER, M. A revealed preference study of management journals' direct influences. **Strategic Management Journal**, v. 20, n. 3, p. 279-296, 1999.

TALLMAN, S. Strategic management models and resource-based strategies among MNEs in a host market. **Strategic Management Journal**, v. 12, p. 69-82, 1991.

TALLMAN, S.; FLADMOE-LINDQUIST, K. Internationalization, globalization, and capability-based strategy. **California Management Review**, v. 45, n. 1, p. 116-135, 2002.

TALLMAN, S.; LI, J. Effects of international diversity and product diversity on the performance of multinational firms. **Academy of Management Journal**, v. 39, n. 1, p. 179-196, 1996.

TEECE, D.; PISANO, G.; SHUEN, A. Dynamic capabilities and strategic management. **Strategic Management Journal**, v. 18, p. 509-533, 1997.

UHLENBRUCK, K.; DE CASTRO, J. Foreign acquisitions in Central and Eastern Europe: Outcomes of privatization in transitional economies. **Academy of Management Journal**, v. 43, n. 3, p. 381-402, 2000.

VAPOLA, T.; PAUKKU, M.; GABRIELSSON, M. Portfolio management of strategic alliances: an international business perspective. **International Business Review**, v. 19, n. 3, p. 247-260, 2010.

VERMEULEN, F.; BARKEMA, H. Learning through acquisitions. **Academy of Management Journal**, v. 44, p. 457-476, 2001.

WERNERFELT, B. A resource based view of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 5, p. 171-180, 1984.

_____. The resource-based view of the firm: ten years after. **Strategic Management Journal**, v. 16, p.171-174, 1995.

WHITE, D.; MCCAIN, K. Visualizing a discipline: An author co-citation analysis of information science, 1972–1995. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 49, p. 327-355, 1998.

WHITE, H.; GRIFFITH, B. Author co-citation: A literature measure of intellectual structure. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 32, p. 163-171, 1981.

WILLIAMSON, O. **Markets and hierarchies, analysis and antitrust implications: A study in the economics of internal organization**. New York, NY: Free Press, 1975.

APÊNDICE - TEMAS PRINCIPAIS: AGRUPAMENTO DE PALAVRAS-CHAVE

Capacidades, conhecimento, visão baseada em recursos (23)	<i>resource-based view; learning; resource-based theory; knowledge; capabilities and capability development; capabilities view; tacit knowledge; capabilities; firm capabilities; firm competencies; dynamic capabilities; co-evolution; knowledge transfer; innovation and capabilities; complementary resources.</i>
Internacionalização, modos de entrada e vantagem estratégica (24)	<i>internationalization; foreign market entry; international acquisitions; new ventures; licensing rights; mode dynamics; mode of entry; born global firms; exports; exporting; early adopters of internationalization; export behaviours; early internationalization; entry mode choice; international growth; international joint venture; international exchange relationships; joint venture sell-off; international venturing.</i>
Meio ambiente, geografia, grupos e regional (16)	<i>China; emerging markets; Central and Eastern Europe; Location; localization success; least developed countries; liability of foreignness; market orientation; Stephen Hymer; business and society; cost of doing business abroad; environment; comparative; Hong Kong; India; transitional economies.</i>
Equipe da alta administração, gestão de recursos humanos (7)	<i>Management; perception of top management; human resource management; strategic HRM; global talent.</i>
Empresa multinacional, subsidiárias (14)	<i>multinational enterprises; multinational corporations; multinationality; multinational enterprise; multinational corporation; multinationals; MNEs; MNE-host country relations; emerging-market MNEs; Subsidiaries.</i>
Teoria institucional (11)	<i>Institutions; institutional theory; institutional environment; markets and institutions; institutional capital; institutional context.</i>
Estratégias globais, internacionais, multinacionais (12)	<i>strategic change; corporate social responsibility; globalization; corporate social irresponsibility; international expansion; international business competence; international performance; international strategy; competitive advantages; competitive disadvantage; competitive advantage; competitive strategies of local emerging-market firms.</i>
Diversificação (3)	<i>international diversification; regional diversification.</i>
Cultura (8)	<i>Culture; Chinese management; Stratification; GLOBE; cultural distance; domestic mindsets; comparative thinking.</i>
Metodologias, teorias e temas de pesquisa (6)	<i>multidimensional scaling; case theoretic approaches; survey; time series cross-sectional analysis; evaluation of current theories; empirical.</i>
Investimento direto estrangeiro (5)	<i>FDI; outward FDI; foreign investors; cross-border investment.</i>
Teoria dos custos de transação (3)	<i>transaction cost economics; transaction cost theory.</i>
Modelos de crescimento (3)	<i>prior conditions; resource dependency; evolutionary economics.</i>
Empreendedorismo (8)	<i>returning entrepreneurs; family firms; corporate entrepreneurship; entrepreneurship business strategy; entrepreneurship; entrepreneurial firms; entrepreneurship; international new ventures.</i>
Redes, alianças e acordos cooperativos (6)	<i>Networks; managerial ties; path; relational norms; cooperativeness.</i>
Desempenho (17)	<i>Performance; firm performance; value creation; stock market valuation; perceived performance; initial public offerings; client-perceived value.</i>
P&D, tecnologia, inovação (10)	<i>Innovation; monopoly rents; management of technology; value capture; product development; innovation and R&D; intellectual property; innovativeness.</i>

Estrutura da organização (5)	<i>Governance; ownership/control structures; ownership; control.</i>
Estratégias funcionais (16)	<i>channel governance; outsourcing; offshoring; modularization; modular production; marketing; supply chain management; service; services; business processes; export marketing; global sourcing; distribution channels; international marketing; international services marketing.</i>
Pequenas e médias empresas (3)	<i>SMEs; small and medium-sized enterprises (SMEs); small and medium enterprise.</i>
Análise da indústria (3)	<i>professional services; information technology (IT); industry factors.</i>

Obs.: em parênteses a frequência com que as palavras-chave aparecem nos artigos que citam Barney (1991).

Fonte: Dados coletados de ISI – *Web of Knowledge*. Cálculos pelos autores usando Bibexcel.